

Lição 6 – Fascismo e fúria grupal

Sinésio Ferraz Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BUENO, S. F. Fascismo e fúria grupal. In: *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 59-66.

ISBN: 978-65-5714-304-9.

<https://doi.org/10.7476/9786557143049.0008>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

LIÇÃO 6

FASCISMO E FÚRIA GRUPAL

A crítica de Adorno ao fascismo em larga medida é fundamentada na apreensão da análise realizada por Freud sobre a psicologia grupal. No texto *Psicologia das massas e análise do eu*, escrito em 1921, Freud desenvolveu um modelo teórico perfeitamente adequado para a compreensão do fenômeno fascista, com pelo menos uma década de antecedência do surgimento do nazifascismo. Baseando-se principalmente na análise realizada por Gustave Le Bon sobre a psicologia das multidões, Freud expôs os principais elementos que compõem a regressão psicológica nos agregados fascistas. O aspecto central dessa regressão diz respeito às tendências de anulação da autonomia do indivíduo, pois este, no contexto grupal, é fortemente suscetível a estímulos relacionados à impulsividade e à violência. Os mecanismos de defesa que reprimem a agressividade em uma pessoa quando ela se encontra em condição isolada são enfraquecidos quando esta mesma pessoa se encontra em um contexto grupal, favorecendo a passionalidade nos pensamentos e comportamentos: “quando indivíduos se reúnem num grupo, todas as suas inibições individuais caem e todos os instintos cruéis,

brutais e destrutivos, que neles jaziam adormecidos, como relíquias de uma época primitiva, são despertados para encontrar gratificação livre” (Freud, 1976, p.24). A regressão da individualidade a padrões grupais de comportamento constitui uma síndrome formada pela credulidade, impulsividade e anseio de obediência em relação a todo aquele que se colocar na condição de líder:

Um grupo é um rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor. Possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe. Embora, dessa maneira, as necessidades de um grupo o conduzam até meio caminho ao encontro de um líder, este, contudo, deve ajustar-se àquele em suas qualidades pessoais. Deve ser fascinado por uma intensa fé (numa ideia) a fim de despertar a fé do grupo; tem de possuir vontade forte e imponente, que o grupo, que não tem vontade própria, possa dele aceitar. (ibidem, p.27)

Adorno valoriza a abordagem de Freud acerca das tendências regressivas das formações grupais em virtude de acrescentarem à análise de Gustave Le Bon a pesquisa sobre os fatores sociológicos que conduzem ao fenômeno do fascismo no interior da sociedade burguesa. Para Adorno, o fascismo deve ser compreendido mediante a explicação sobre por que os indivíduos regridem a estágios arcaicos do desenvolvimento civilizatório que estão em contradição com o nível de desenvolvimento racional da civilização burguesa. É preciso explicar como os demagogos fascistas suscitam regressões coletivas grupais que são contraditórias ao próprio interesse racional das pessoas envolvidas. A resposta a essa questão está na desproporção entre os padrões de racionalidade presentes no desenvolvimento do ego dos indivíduos e o fracasso contínuo

dos mesmos em corresponder aos padrões de sucesso, inteligência, força e beleza que fazem parte do *status quo*: “isso corresponde à semelhança da imagem do líder com um engrandecimento do sujeito: ele ama a si mesmo, por assim dizer, mas se livra das manchas de frustração e mal-estar que desfiguram a imagem de seu próprio eu empírico” (Adorno, 2015, p.169).

Por outro lado, ao mesmo tempo que a imagem do líder fascista corresponde a uma fantasia narcísica relacionada com qualidades de força e poder atinentes a uma imagem paterna idealizada, ela paradoxalmente se relaciona também com os traços de um homem comum, canastrão, mentiroso e frustrado. As demandas emocionais que possibilitam a identificação com o líder fascista são perpassadas por uma ambiguidade estrutural, que mescla a força onipotente com a fraqueza e simplicidade do homem comum: “a ambivalência psicológica auxilia a operar o milagre social. A imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo a autoridade” (ibidem, p.172). A ambiguidade da imagem do líder permite a identificação coletiva e autoriza a popularização de uma retórica segregadora entre os integrantes do grupo (*in-group*) e aqueles que estão fora (*out-group*), de maneira a suscitar processos emocionais de extrema valorização das diferenças entre esses dois núcleos imaginários. A dicotomia grupal, produzida artificialmente pelo líder, favorece a satisfação de demandas narcísicas de superioridade e pureza em relação a todos aqueles que encarnam o *unheimlich*, estranho e familiar ao sujeito. Ao mesmo tempo, toda sugestão de autocritica e autonomia individual é repelida de maneira reativa e ressentida:

O *ganho* narcísico fornecido pela propaganda fascista é óbvio. Ela sugere continuamente, e algumas vezes de forma maliciosa, que o seguidor, simplesmente por

pertencer ao *in-group*, é melhor, superior e mais puro que aqueles que são excluídos. Ao mesmo tempo, qualquer tipo de autocritica ou de autoconsciência é ressentida como uma perda narcísica e provoca fúria. Isso explica a violenta reação de todos os fascistas contra aquilo que eles julgam *zersetzend* (destrutivo), aquilo que desmascara seus valores mantidos obstinadamente, e também explica a hostilidade de pessoas preconceituosas contra qualquer tipo de introspecção (ibidem, p.177).

A propaganda fascista, centralizada na veiculação insistente e monótona de fórmulas retóricas altamente simplificadoras e mistificadoras da realidade, mobiliza processos irracionais e regressivos da parte de seu público-alvo, e a eficiência dessa propagação pode ser explicada pelas frustrações acumuladas e pela mentalidade mesquinha e agressiva das massas. Uma contradição retumbante na síndrome fascista consiste na completa dissociação entre os interesses materiais objetivos dos seguidores do fascismo e a retórica amplamente apelativa a impulsos destrutivos. Se a destrutividade é o fundamento psicológico do fascismo, isso significa que a regressão coletiva se torna imune a argumentos de natureza racional que possam demonstrar o descompasso entre os objetivos destrutivos do movimento e a própria autoconservação material de seus seguidores. A análise realizada por Adorno sobre os apelos retóricos dos demagogos fascistas nos Estados Unidos nos anos 1940 evidencia uma mentalidade despida de objetivos politicamente construtivos e obsessivamente atraída pela destruição do Outro e inclusive de si mesmo:

não é acidental que todos os agitadores fascistas insistam na iminência de catástrofes de alguma espécie. Enquanto advertem de perigos iminentes, eles e seus seguidores se

excitam com a ruína do inevitável, sem sequer diferenciar claramente entre a destruição de seus inimigos e de si mesmos. [...] Este é o sonho do agitador: uma união do horrível e do maravilhoso, um delírio de aniquilação mascarado como salvação. A esperança mais forte de efetivamente contrariar todo este tipo de propaganda reside em ressaltar suas implicações autodestrutivas. O desejo psicológico inconsciente de autoaniquilação reproduz fielmente a estrutura de um movimento político que, em última instância, transforma seus seguidores em vítimas (ibidem, p.152).

A liderança fascista é inteiramente alheia a proposições positivas no âmbito político, sendo concentrada em um padrão retórico rígido e obsessivo, que consiste em apelos discriminatórios contra minorias étnicas, de nacionalidade e de gênero, e é justamente por esse motivo que ela realiza seu maior intento, que consiste em dar vazão à fúria reprimida de seus seguidores. O sucesso do líder fascista em produzir massivamente a servidão voluntária nos coletivos que comanda se deve a uma afinidade prévia entre seu próprio modo de pensar altamente estereotipado e as demandas emocionais das massas. O líder se diferencia de seus seguidores apenas por seu caráter psicológico prático e astucioso que explicita ideias e desejos latentes em sua audiência: “o líder pode adivinhar as demandas e necessidades psicológicas daqueles suscetíveis à sua propaganda, porque os reflete psicologicamente e deles se distingue por uma capacidade de exprimir, sem inibições, o que é latente neles” (ibidem, p.181).

O ajustamento prévio do caráter psicológico do líder fascista com as demandas emocionais de seus seguidores é essencial para a compreensão de uma ambiguidade fundamental do fascismo, que ao mesmo tempo expressa sua força e sua fraqueza. Os fatores psicológicos que

sustentam a identificação emocional com o líder são os mesmos que poderiam dissipar a atmosfera enfeitiçadora que caracteriza os agrupamentos fascistas. Pois para que a identificação emocional se realize, o líder necessita exagerar traços de caráter como cinismo, desonestidade, precariedade intelectual e comportamento patético. Isso significa que bastariam alguns momentos de lucidez e de mínimo senso crítico da parte dos seguidores para que a farsa que sustenta a identificação psicológica pudesse desmoronar. A constatação de que os demagogos fascistas são personagens farsescos, patéticos, mentirosos e humanamente precários está sempre ao alcance de pessoas que, embora se mantenham em estado de servidão voluntária, não são capazes de anular completamente sua capacidade de elucidação do estado geral de impostura que mantém o fascismo. Se a impostura se mantém, isso se deve ao esforço contínuo e persistente dos seguidores em reproduzir sua própria condição de espírito cativo.

Em seu conjunto, a síndrome fascista se alimenta de propósitos que são radicalmente antagônicos a processos formativos no âmbito emocional e intelectual. O ressentimento anticultural e anti-intelectual de pessoas que em grande medida se orgulham da própria ignorância é explícito nos eventos que caracterizam a síndrome fascista. Uma grande parte da fúria coletiva se dirige contra pessoas que são identificadas com a cultura, no âmbito das universidades, escolas, teatros e imprensa independente. Nesse sentido, o fascismo se encarrega de metas inteiramente antagônicas àquelas que são visadas por processos formativos no campo cultural e pedagógico. Enquanto estes buscam emancipar os indivíduos do cativeiro da consciência, no sentido de torná-los emancipados de seus preconceitos e de sua incultura, o fascismo busca perpetuar o estado de dependência, heteronomia e empobrecimento psicológico.

Em princípio, pode parecer paradoxal que em sociedades altamente desenvolvidas do ponto de vista científico e tecnológico, ao mesmo tempo sejam disseminadas entre as massas tendências irracionistas e regressivas que em princípio parecem tão contrárias ao progresso técnico. Para Adorno, pelo contrário, é justamente porque o mundo ocidental burguês se entregou nos últimos séculos a processos de mecanização e instrumentalização que permaneceram cegos em relação a fins universalistas de liberdade e felicidade da humanidade, que a síndrome fascista encontra solo fértil na sociedade técnica. Assim como as mercadorias na sociedade de consumo são produzidas e usufruídas sob a hegemonia do valor de troca, também a técnica se fetichizou, vale dizer, se desconectou de objetivos universalistas de emancipação: “os homens inclinam-se a considerar a técnica como algo em si mesma, um fim em si mesmo, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens” (idem, 1995a, p.132).

A fetichização da técnica é correlata a processos de coisificação da consciência, em que não somente as mercadorias parecem ser “coisas” abstratas independentes das reais necessidades humanas, como também os próprios homens se relacionam entre si e consigo mesmos de uma maneira coisificada. A relação coisificada com o progresso técnico é correlata a uma frieza de sentimentos que se dissemina por toda a sociedade, e se torna precursora da violência fascista, já no âmbito das relações cotidianas. A massa fascista “é um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la” (ibidem, p.134). Se a consciência coisificada adere ao próprio estado de normalidade social, fazendo da frieza um autêntico pressuposto emocional para a sobrevivência, isso significa que a indiferença e a apatia se tornam parâmetros de normalidade. As demandas por violência contra os representantes imaginários

do *unheimlich* são o resultado objetivo da transformação da apatia em padrão de relação emocional com o Outro e consigo próprio: “a incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como *Auschwitz* em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas” (ibidem, p.134).

Se o estado generalizado de fúria destrutiva é o fundamento psicológico da síndrome fascista, isso implica uma considerável incapacidade de amor e compaixão em relação ao Outro e também a si próprio. Adorno considera que em uma sociedade altamente tecnificada como a burguesa, uma grande parte da capacidade de amar é simplesmente desviada e sublimada para os objetos técnicos. Nesse sentido, a destrutividade do fascismo está presente em estado latente na consciência coisificada, mesmo nos momentos históricos nos quais a democracia e a liberdade prevalecem. Esse talvez seja o aspecto mais perturbador da violência fascista, que dizer, o fato de que ela prospera silenciosamente mesmo naqueles momentos históricos que parecem avessos ao ajuntamento de multidões agressivas e ressentidas: “a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão” (ibidem, p.119).